

## A COLABORAÇÃO DA PESQUISA-AÇÃO PARA A LUTA DA COMUNIDADE VIVA DEUS

THE COLLABORATION OF ACTION RESEARCH FOR THE STRUGGLE OF THE VIVA DEUS COMMUNITY

EL APORTE DE LA INVESTIGACIÓN-ACCIÓN A LA LUCHA DE LA COMUNIDAD VIVA DEUS

### Jullyana Cristhina Almeida de Freitas

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED), da Universidade Federal do Maranhão. Pesquisadora no Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (GEPEEP), da Universidade Federal do Maranhão e no Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais (GENPEX), da Universidade de Brasília. Imperatriz, Maranhão, Brasil.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0918-3985>

E-mail: [jca.freitas@discente.ufma.br](mailto:jca.freitas@discente.ufma.br)

### Betânia Oliveira Barroso

Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Coordenadora do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (GEPEEP), da Universidade Federal do Maranhão. Pesquisadora Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais (GENPEX), da Universidade de Brasília. Professora do curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão. Imperatriz, Maranhão, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2205-1477>

E-mail: [betania.barroso@ufma.br](mailto:betania.barroso@ufma.br)

### Marcos Moreira Lira

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED), da Universidade Federal do Maranhão. Pesquisador no grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (GEPEEP), da Universidade Federal do Maranhão e no Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais (GENPEX), da Universidade de Brasília. Imperatriz, Maranhão, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8058-5675>

E-mail: [marcos.lira@discente.ufma.br](mailto:marcos.lira@discente.ufma.br)

### RESUMO

O presente artigo é resultado da dissertação de mestrado intitulada *Plantando na esperança de sair a terra: experiências de luta em educação popular e emancipação humana na Comunidade Viva Deus* (2021), apresentada ao Programa de Pós-Graduação Formação Docente em Práticas Educativas, na linha de pesquisa sobre Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares, da Universidade Federal do

Maranhão, campus de Imperatriz/MA, que apresentou as experiências de um acampamento sem-terra que luta pela regularização fundiária da terra em que se encontra. Assim, no presente texto, buscamos apresentar as contribuições da pesquisa-ação para o movimento de resistência da Educação Popular da referida comunidade. Para tanto, buscamos a colaboração de Demo (1998, 2012), Zanette (2017), Minayo (2014), Lüdke e André (1986), Bogdan e Biklen (1994) e Freire (1967), bem como de Thiollent (2009, 2020), para pensar e re-pensar os princípios metodológicos da pesquisa-ação. Em um primeiro momento, definiremos a perspectiva qualitativa de investigação em seu compromisso histórico-social com processos de libertação da classe trabalhadora, bem como apresentaremos a perspectiva da pesquisa-ação e o processo de constituição do lócus da pesquisa. Em seguida serão anunciadas as ferramentas metodológicas utilizadas (diário de campo, relatorias, círculo de cultura e a situação-problema-desafio), cujo funcionamento está intimamente articulado com os princípios da pesquisa-ação. Por fim apresentaremos a colaboração da pesquisa qualitativa para os movimentos de resistência da Educação Popular.

**Palavras-chave:** pesquisa-ação; perspectiva qualitativa; educação popular.

#### ABSTRACT

This article is the result of the master's thesis entitled *Planting in the hope of reaching the land: experiences of struggle in popular education and human emancipation in the Viva Deus Community (2021)*, presented to the Graduate Program Teacher Training in Educational Practices, in the line of research on Pluriculturality, Interculturality and Interdisciplinary Educational Practices, of the Federal University of Maranhão, campus of Imperatriz/MA, which presented the experiences of a landless encampment that struggles for the land regularization in which it is located. Thus, in this text, we seek to present the contributions of action research to the resistance movement of Popular Education in that community. To this end, we sought the collaboration of Demo (1998, 2012), Zanette (2017), Minayo (2014), Lüdke and André (1986), Bogdan and Biklen (1994) and Freire (1967), as well as Thiollent (2009, 2020), to think and rethink the methodological principles of action research. At first, we will define the qualitative perspective of investigation in its historical-social commitment with processes working-class liberation, as well as present the perspective of action research and the process of research locus constitution. Then, the methodological tools used (field diary, reports, culture circle, and the situation-problem-challenge) will be announced, whose functioning is closely articulated with the principles of action research. Finally, we will present the collaboration of qualitative research for the resistance movements of Popular Education.

**Keywords:** action research; qualitative perspective; popular education.

#### RESUMEN

Este artículo es resultado de la tesis de maestría titulada *Sembrar con la esperanza de llegar a la tierra: experiencias de lucha en educación popular y emancipación humana en la Comunidad Viva Dios (2021)*, presentada al Programa de Postgrado en Formación Docente en Prácticas Educativas, en la línea de investigación sobre Pluriculturalidad, Interculturalidad y Prácticas Educativas Interdisciplinarias, de la Universidad Federal de Maranhão, campus de Imperatriz/MA, que presentó las experiencias de un campamento sin-terra que lucha por la regularización de la tenencia de la tierra en donde se ubica. Así, en este texto buscamos presentar los aportes de la investigación-acción al movimiento de resistencia de Educación Popular en esa comunidad. Para ello, se buscó la colaboración de Demo (1998, 2012), Zanette (2017), Minayo (2014), Lüdke y André (1986), Bogdan y Biklen (1994) y Freire (1967), así como como de Thiollent (2009, 2020), para pensar y repensar los principios metodológicos de la investigación-acción. En un primer momento definiremos la perspectiva de la investigación cualitativa en su compromiso histórico-social con los procesos de liberación de la clase trabajadora, así como presentaremos la perspectiva de la investigación-acción y el proceso de constitución del locus de investigación. Luego, se darán a conocer las herramientas metodológicas utilizadas (diario de campo, informes, círculo cultural y la situación-problema-desafío), cuyo funcionamiento se articula estrechamente con los principios de la investigación-acción. Finalmente, presentaremos los aportes de la investigación cualitativa para los movimientos de resistencia de Educación Popular.

**Palabras-clave:** investigación-acción; perspectiva cualitativa; educación popular.

#### INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado da dissertação de mestrado intitulada *Plantando na esperança de sair a terra: Experiências de luta em educação popular e emancipação humana na Comunidade Viva Deus (FREITAS, 2021)*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas, da Universidade Federal do Maranhão. A pes-

quisa foi centrada em processos qualitativos de investigação e apresentou as experiências de luta de um acampamento sem-terra que luta pela regularização fundiária da terra em que se encontra.

A pesquisa apresentou a construção histórica do conceito de emancipação humana, para logo inseri-la na perspectiva da educação popular, ressaltando a importância da conscientização e da autonomia nesse processo, com a colaboração da pesquisa-ação. Esta, apresentada em sua forma democrática de investigação-ação, que pressupõe intervenção nos problemas vivenciados pelo grupo pesquisado, por meio da ferramenta metodológica do círculo de cultura e das situações-problema-desafios vivenciadas em comunidade.

Desse modo, por meio dos resultados obtidos por Freitas (2021), no presente texto apresentaremos a colaboração da pesquisa-ação, através da perspectiva qualitativa de investigação, para os processos de formação política que compõem o movimento de resistência de um acampamento sem-terra denominado Comunidade Viva Deus. Tal movimento conta com a colaboração do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular, da Universidade Federal do Maranhão, presente na comunidade desde 2015.

A pesquisa-ação é a metodologia que melhor se encaixa no contexto estudado, conforme Thiollent (2009), por dar suporte a problemas de difícil resolução que, no presente caso, é a luta pela reforma agrária, suspendida por tempo indeterminado pelo governo Bolsonaro, que já demonstrou que está ao lado dos latifundiários e da concentração de terras, e não da socialização para o bem-viver de centenas de famílias. Portanto, torna-se premente apresentar qual a colaboração da pesquisa-ação para enfrentar a problemática aqui apresentada. Conforme Freitas (2021), a luta em defesa da reforma agrária faz parte de um projeto de sociedade, que nasce no campo, no seio dos movimentos sociais e entre aqueles que não se sentem representados/as pelo atual modo de vida.

É importante ressaltar que o fato de a comunidade ainda não ter sido assentada, conforme Freitas (2021), está diretamente vinculado com a instalação da empresa Suzano Papel e Celulose no território destinado para o Projeto de Assentamento, a qual tem interesse na área para o plantio de eucalipto. Essa realidade, ainda para a autora, demanda um movimento de articulação e de elaboração de estratégias. É nesse cenário que a Educação Popular, por meio da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, atua em totalidade, devendo atender às necessidades que esse contexto apresenta. As práticas educativas emancipadoras, então, devem estar inseridas no seio das práticas sociais do espaço em que estão. Essas, de luta e resistência.

Dessa maneira, buscamos a colaboração de Demo (1998, 2012), Zanette (2017), Minayo (2014), Lüdke e André (1986), Bogdan e Biklen (1994) e Freire (1967), para de-

finir a perspectiva qualitativa de investigação, bem como de Thiollent (2009, 2020) para pensar e re-pensar os princípios metodológicos da pesquisa-ação, enquanto ferramenta metodológica democrática e interventiva.

Partimos do pressuposto de que a pesquisa qualitativa é a metodologia que melhor se encaixa no objeto estudado, pois compreende a questão do ser humano em sua dimensão educacional. Aqui, não se investiga visando resultados, mas foca-se na questão do comportamento humano a partir de diversos contextos, ou seja, caminhos e possibilidades para a emancipação humana, por meio da atuação política de sujeitos inseridos em contexto de luta popular por terra. Assim, para Demo (2012):

O analista qualitativo observa tudo, o que é ou não dito: os gestos, o olhar, o balanço, o meneio do corpo, o vaivém das mãos, a cara de quem fala ou deixa de falar, porque tudo pode estar imbuído de sentido e expressar mais do que a própria fala, pois a comunicação humana é feita de sutilezas, não de grosserias. Por isso, é impossível reduzir o entrevistado a objeto (DEMO, 2012, p. 33).

Dessa maneira, observamos que a perspectiva qualitativa de investigação envolve processos extremamente complexos; está em permanente construção e requer sensibilidade frente a novas ideias, descobertas ou até mesmo novas percepções. Possui compromisso direto com a construção do conhecimento na medida em que evita procedimentos metodológicos previamente estabelecidos, o que implica considerar o fenômeno pesquisado em sua dimensão dialética, como algo em permanente construção, inacabado e que se constitui historicamente. Caracteriza-se como uma perspectiva largamente utilizada em processos educativos voltados para a emancipação humana.

## METODOLOGIA

Como mencionado, o estudo foi desenvolvido em uma abordagem qualitativa, onde é indispensável levar em consideração a perspectiva freireana (FREIRE, 1967) de educação, que deve estar a serviço da conscientização e do exame crítico da realidade. A conscientização é a categoria fundante do processo de construção de uma consciência crítica em relação à posição social que o indivíduo ocupa socialmente, bem como para superar um possível estado de opressão.

Historicamente, o único método visto como científico na pesquisa em educação estava centrado na quantificação. Somente em 1960, a abordagem qualitativa veio a ser utilizada como uma metodologia que possibilitava ao pesquisador identificar problemas sociais na educação das chamadas minorias sociais. Assim, houve um maior reconhecimento e a sociedade como um todo passou a olhar para os excluídos, o que abriu caminhos para o espírito democrático.

Nesse aspecto, conforme Gatti e André (2011, p. 34 apud ZANETTE, 2017, p. 159), a incorporação da pesquisa qualitativa, historicamente, produz a mudança de abordagem

ocorrida nas pesquisas do Brasil, marcada por posturas investigativas mais flexíveis, bem como a constatação de que é necessário recorrer a enfoques multidisciplinares, à retração do ponto de vista dos sujeitos e à consciência de que a subjetividade intervém na pesquisa.

Do ponto de vista metodológico, a abordagem dialética precisa criar instrumentos de crítica e de apreensão das contradições na linguagem; compreender que a análise dos significados a partir do chão das práticas sociais; valorizar os processos e as dinâmicas de criação de consensos e contradições no interior dos quais a própria oposição entre o pesquisador e seus interlocutores se colocam, e ressaltar o condicionamento histórico das falas, relações e ações (MINAYO, p. 167-168, 2014).

Para Lüdke e André (1986), na pesquisa qualitativa, a principal fonte de dados decorre do ambiente natural e tem o pesquisador como principal instrumento. No entanto, as autoras também ressaltam um aspecto importantíssimo nesse método: o processo da pesquisa é sempre mais importante do que o resultado final, que historicamente tem sido a maior preocupação. Isso diz respeito à natureza dialética desse processo, que demonstra que percorrer o caminho é determinante para que se delineiem as múltiplas determinações do fenômeno estudado. Assim, não se trata de uma relação causa-efeito.

Pelas próprias exigências desse modo de fazer pesquisa, não basta percorrer o caminho. É necessário rigor, sistematização, bem como que isso seja discutido junto aos sujeitos, do ponto de vista metodológico. Estes, não podem ser reduzidos a objeto ou como ponte para a captação de dados, lugar onde historicamente estiveram. Assim, a melhor possibilidade para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador colocar-se no papel do outro (GODOY, 1995). Ou seja, é necessário captar a visão de mundo do sujeito da pesquisa, em um contexto histórico-cultural que lhe é próprio, por meio da alteridade, para que apreendamos a totalidade do que se busca.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 67), na investigação qualitativa, “o objetivo principal do investigador é o de construir conhecimentos e não dar opinião sobre determinado contexto”. Tal concepção remonta à clássica tradição sociológica durkheimiana de afastamento das prenoções do senso comum ao fazer pesquisa, onde esta “não consiste em modificar pontos de vista” do entrevistado; mas, antes, compreender os pontos de vista dos sujeitos e as razões que os levam assumi-las e praticá-las (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 138).

Tais pontos de vista são fundamentais para a compreensão dos fenômenos; neste contexto, em que o pesquisador não tem como prever e nem planejar o que ocorre por trás das ações dos sujeitos, como em pesquisas educacionais, por exemplo, pois “na investigação qualitativa em educação, o investigador comporta-se mais de acordo com o viajante que não planeja do que com aquele que o faz meticulosamente” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 83). Por conta de tal determinante, a preocupação com a processualidade é maior do que com o resultado.

O cenário educacional, nessa vertente, se constitui histórica e dialeticamente. São dimensões que não podem ser negligenciadas, pois vivemos em uma sociedade de classes.

Assim, é necessário partirmos da premissa de que a educação é contraditória e opera em um contexto de relações de poder, mas a mesma também pode se apresentar como uma alternativa de superação das condições de opressão em que vivem as classes subalternas, todavia:

Sendo então a história um campo de desenvolvimento real das ações humanas concretas ditadas também pelas condições postas, essa história somente se realiza tendo como força o movimento dado pela contradição, pelo confronto interno de um duo oposto que é ao mesmo tempo negativo e positivo, tanto na realidade como no pensamento sobre essa realidade. Assim, a realidade se apresenta ao mesmo tempo como aparência e essência, alienação e emancipação, trabalho negativo e positivo, universal e particular, ética e moral, todo e parte, enfim (RÊSES; CASTRO; BARBOSA, 2018, p. 82).

Para que o real concreto dos fenômenos se manifeste na pesquisa, é necessária uma abordagem dialética, que é “a estratégia de apreensão e de compreensão da prática social empírica dos indivíduos em sociedade, de realização da crítica das ideologias e das tentativas de articulação entre sujeito e objeto, ambos históricos” (MINAYO, p. 108, 2014). Trata-se de uma compreensão de mundo responsável por trazer maior aproximação do real concreto, bem como da totalidade do processo, que contribuem para inserirmos a educação em abordagem contra-hegemônica, integrando-a em seu contexto histórico-cultural.

Assim, refletimos com base em Vygotsky (2003), sobre a construção da noção do sujeito histórico-cultural, a partir da base materialista histórico-dialética marxista, compreendendo-o como um ser constituído pelas relações sociais vividas nos espaços e movimentos de sua história, família, igreja, comunidade, escola, entre outros. É a partir dessa constituição que o compreenderemos, pois o sujeito pensa e age de acordo com o lugar que socialmente ocupa na sua relação com os outros.

### **A pesquisa-ação: uma breve definição**

A pesquisa-ação, enquanto ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa aqui utilizada, encontra fundamentação teórica nos pressupostos metodológicos de Thiollent (2009); para ele, a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes se relacionam de modo cooperativo.

Trata-se de um método alternativo de pesquisa, onde se faz necessário repensar constantemente os fundamentos; surgiu em um contexto de redemocratização, dando suporte à participação ativa de todos os sujeitos envolvidos na pesquisa. É um método que conduz à emancipação.

Do ponto de vista epistemológico e filosófico, Thiollent (2020), em uma *live* realizada em tempos de pandemia, repensa os fundamentos da pesquisa-ação, tendo em vista que se trata de uma proposta que visa a transformação social e possui uma certa “interferência” em relação aos atores envolvidos. As mudanças nas condições de atua-

ção conduzem a uma constante reavaliação, pois de acordo com o tempo histórico, ela pode ser mais ou menos aceita e difundida.

Nessa perspectiva, ela é largamente usada em projetos de extensão, por ser este um contexto que permite que a pesquisa-ação se efetive em sua totalidade. Primeiro, ela tem a pretensão de pesquisar uma situação concreta que envolve diversos fatores sociais; está, sobretudo, profundamente ligada a sujeitos desfavorecidos economicamente em contextos complexos, que geralmente não têm solução. Assim, a pesquisa-ação nos conduz a refletir sobre o que dificulta essa solução, se é o poder hegemônico ou outro fator.

Para tanto, é necessário compreender a linguagem local e construir interações entre os grupos para que se converta o conhecimento em ação, entendida como uma forma de conhecimento mais profundo e como uma ferramenta transformadora. Do ponto de vista filosófico, hermenêutico e fenomenológico, essa relação permite que vários aspectos se manifestem no processo. Ela não se propõe a uma solução imediata. A pesquisa-ação promove o aprendizado de todos os participantes envolvidos no projeto e ela não impõe o que deve ser ensinado, o que estimula a criatividade, a colaboração, a interação e a participação; ela manifestando-se em variados níveis.

A pesquisa-ação se relaciona com a transdisciplinaridade e interage com diversos âmbitos da sociedade de forma sistêmica e complexa. Assim, ela não somente cria pontes, mas atravessa as áreas do conhecimento e exige alto grau de implicação e engajamento do pesquisador com o que ele está pesquisando, mesmo diante de paradigmas que exigem o seu distanciamento com o objeto estudado.

Por suas próprias condições de existência, a pesquisa em educação leva em consideração o posicionamento político do pesquisador. O campo da educação de fato tem uma dimensão política, e não pode deixar de tê-la (CHARLOT, 2006, p. 13). Portanto, é impossível fazer ciência de forma neutra. É necessário que haja uma opção de classe. Assim, a tradição filosófica que guia o presente trabalho decorre da dialética, enquanto opção que considera a realidade a partir do que ela é; considera o materialismo histórico e dialético como método e possibilidade de interpretação dos fenômenos sociais.

#### **Investigando *in loco*: como se constitui a Comunidade Viva Deus?**

A realização da presente pesquisa, a partir dos procedimentos metodológicos supracitados, ocorre no mesmo lócus de pesquisa trabalhado pelo Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular - GEPEEP, ou seja, na Comunidade Viva Deus, espaço que abriga os acampados da desapropriação da fazenda El Dourado; está situada na Estrada do Arroz (atual Estrada Padre Josimo), em Imperatriz/MA.

Os sujeitos acampados organizam-se em uma Associação de Agricultores e Agricultoras Rurais, objetivando a regularização do território por meio de sua organização popular. Atualmente, a comunidade, para resistir e sobreviver no espaço ocupado, utiliza a agricultura familiar como estratégia de resistência, o que constitui um resultado já alcançado pelo trabalho realizado pelo GEPEEP.

A Comunidade Viva Deus, territorialmente falando, está inserida em um movimento dialético de espaço-processo, tendo em vista que constantemente estão chegando novas pessoas; é um espaço que vai socialmente se delineando e, portanto, territorializando. Nesse movimento, existe uma série de relações de poder, responsável também por influenciar as relações sociais da comunidade, balizadas pela presença de empreendimentos capitalistas, próprias do capitalismo contemporâneo.

Para descrever a Comunidade Viva Deus, convém mencionar o contexto de reestruturação produtiva dialética de que o território faz parte; é um fenômeno que representa uma saída para a crise estrutural do capital, que utiliza o campo para os processos de acumulação de capital, obstaculizando a luta dos trabalhadores sem-terra e o *bem viver* no campo. A Comunidade Viva Deus é afetada diretamente por esse fenômeno, através da instalação e permanência da empresa Suzano Papel e Celulose, apesar de ser um território destinado para projetos de assentamento.

A presença da referida empresa empobrece o solo, de modo que impossibilita a produção e reprodução da existência no território da comunidade. Nesse aspecto, temos dois objetivos antagônicos no que diz respeito ao uso da terra. Na medida em que o capital, a monocultura de eucalipto e o agronegócio como um todo, produzem *comodities*, os trabalhadores que lutam por terra produzem a existência através da agricultura familiar e práticas sustentáveis de sobrevivência.

A constituição da comunidade ocorreu sem o amparo de políticas públicas básicas, uma vez que a regularização fundiária não foi efetivada, o que demonstra o descaso do poder público para com as famílias acampadas, mas colabora completamente com assistência para o estabelecimento de empresas.

As famílias foram direcionadas por meio do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Imperatriz (STTR – Imperatriz), que vinham da Fazenda Tramontina, em São Pedro da Água Branca/MA, pois lá não havia espaço suficiente para alocar a todos e todas. Para dar suporte à luta, foi criada a Associação dos Pequenos Produtores e Produtoras Rurais da Estrada do Arroz, que hoje é denominada Associação de Agricultores e Agricultoras Rurais da Comunidade Viva Deus.

Dessa forma, o sindicato foi o responsável por solicitar ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, e ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, o IBAMA, a vistoria da área para desapropriação. Nesse as-

pecto, o INCRA e o IBAMA foram os responsáveis por realizar a vistoria. A partir de tais processos, o espaço foi ocupado pelas famílias, sendo ele o meio de materialização da existência humana (LEFEBVRE, 1991, p. 102).

### **Construindo a pesquisa: as ferramentas metodológicas**

As ferramentas metodológicas utilizadas decorrem do diário de campo, relatorias, círculo de cultura e a situação-problema-desafio. Para Freitas (2021), uma importante técnica que permite ao pesquisador apreender todos os fenômenos decorrentes do campo de investigação é o diário de campo que, para Bosco Pinto (2014 apud FALKEMBACK, 1987, p. 3), é o primeiro instrumento da metodologia de investigação-ação Ainda:

Nele se anotam todas as observações de fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador, suas reflexões e comentários. Ele facilita criar o hábito de observar com atenção, descrever com precisão e refletir sobre os acontecimentos de um dia de trabalho (FALKEMBACH, 1987, p. 3-4)

Uma observação sensível e cuidadosa é crucial para a realização da pesquisa científica, em que o diário de campo, de acordo com Freitas (2021) se apresenta como um instrumento de anotações, onde constam todas as reflexões empreendidas pelo pesquisador durante a imersão no campo e permite o acompanhamento de todos os fenômenos que vão processualmente ocorrendo, suas relações com os fatos; tem também impressa a personalidade do pesquisador, o que revela seu caráter subjetivo.

Nessa perspectiva, com o diário de campo, “é possível mantermos compromisso com a práxis na medida em que podemos acompanhar e verificar a profundidade da análise, ou seja, se, de fato, ela foi elaborada a partir da realidade objetiva dos fenômenos sociais” (FREITAS, 2021, p. 78). É fundamental que tal aproximação ocorra tanto através da reflexão quanto da ação:

[...], as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as ideias e preocupações (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 152).

Todas as anotações que deram fruto a esse trabalho foram gestadas no próprio *lócus* da pesquisa-ação, outras no trajeto ao campo, outras durante os círculos de cultura do grupo de pesquisa na universidade, outras em casa, ou horas depois da formação política na comunidade. Nesse modelo de construção, o diário de campo favorece tanto elaborações construídas diretamente do local (de caráter descritivo), quanto elaborações mais aproximadas com a subjetividade do pesquisador (de caráter reflexivo).

Assim, para Oliveira (2014), “a escrita das notas de campo no diário de pesquisa demanda tempo cronológico, atenção, calma e persistência” (apud FREITAS, p. 78). Tais características são essenciais para uma tarefa que exige cuidado para as reflexões e análises da/na pesquisa. Em função de tais demandas, no uso do diário de campo, é necessária a devida cautela, pois a má utilização pode culminar em análises deturpadas, o que prejudica

a qualidade da reflexão empreendida.

Desse modo, o diário de campo serve para apreendermos os elementos teóricos que emergem durante a realização dos círculos de cultura, servindo de instrumento para enxergar a realidade de forma crítica, onde:

Tais elementos teóricos são problematizados no círculo de cultura, de modo que cada sujeito desse processo possa se ver representado nessas leituras, em busca de uma visão mais ampliada acerca da realidade. Desse processo, os temas geradores emergem e a teorização sobre o trabalho profissional permite descobrir as contradições internas desse trabalho, ir além da aparência dos fatos até alcançar seus aspectos essenciais, passando do conhecimento empírico ao conhecimento teórico. Assim, o cotidiano vai sendo lido dentro de um conjunto da totalidade social, fazendo um movimento complementar à ação-reflexão-ação, que sai da particularidade para a generalidade; do específico para o global; do micro para o macro. Esse processo de confrontar nossos conhecimentos com outros conhecimentos contribui para a reflexão e reinterpretar a teoria, possibilitando-nos ampliar nossa visão de mundo e nosso trabalho profissional (KOSOKAWA; PINI; LOUREIRO; SANTOS; ABREU, 2020, p. 69).

Historicamente, segundo Freitas (2021), o círculo de cultura surgiu na conjuntura sociopolítica efervescente da década de 1960, que passou por revoluções culturais e sucessivos golpes militares. João Goulart estava no poder e possuía um modelo democrático de política, voltado para a reforma agrária e para a melhoria de vida da classe trabalhadora, modelo esse que apresentava muitas vias para processos de emancipação humana. Assim, para Dantas e Linhares (2014):

O Círculo de Cultura constitui-se lócus da vivência democrática, de formas de pensamentos, experiências, linguagens e de vida, que possibilita o estabelecimento de condições efetivas para a democracia de expressões, de pensamentos e de lógicas com base no respeito às diferenças e no incentivo à participação em uma dinâmica que lança o sujeito ao debate, focando os problemas comuns (DANTAS; LINHARES, 2014, p. 76).

Nessa década havia um grupo de trabalhadores/as que se reuniam para discutir questões que diziam respeito às experiências de vida de cada um deles/as, o que resultava em processos de alfabetização de jovens e adultos, e era coordenado por Paulo Freire. Tal experiência de formação política ocorreu em Angicos/RN; principalmente na região nordeste, ocorriam diversas experiências de alfabetização de adultos.

Por sua gênese, bem como por suas próprias condições de existência, para Freitas (2021), o círculo de cultura não tem só a alfabetização como principal objetivo, mas sim pretende ampliar os horizontes de quem participa, a partir das próprias vivências, e socializar experiências e contribuir para que os/as trabalhadores/as superem a condição de opressão à qual estão submetidos/as.

O círculo de cultura, para Freire (1967, p. 103) é uma prática na qual instituímos debates de grupo, ora em busca do esclarecimento de situações, ora em busca de ação, decorrente do esclarecimento das situações. Ou seja, o círculo de cultura acolhe discussões coletivas que buscam “clarear” problemáticas que requerem intervenções. Assim:

O círculo de cultura se expressa numa ideia que substitui a alfabetização formal em sala de aula. A nomenclatura de círculo se dá porque todos os participantes formam a figura geométrica de um círculo, numa disposição em que todos possam se olhar e se ver. Chamamos cultura por conta de uma interação que há entre

a realidade vivida e seus participantes. Conforme o autor, no círculo de cultura o homem “vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura” (FREIRE, 2003, p. 51 apud FREITAS, 2019, p. 36).

Desse modo, podemos afirmar que o círculo de cultura diz respeito a uma proposta pedagógica revolucionária na medida em que rompe paradigmas e uma estrutura de ensino que trata o/a professor/a como detentor/a do conhecimento e que está acima dos demais. Aqui, o processo é conduzido coletivamente pelo/a coordenador/a, de modo que todos/as possam participar da discussão. É, portanto, uma proposta democrática, libertadora que pode colaborar fortemente para processos de emancipação humana.

De acordo com Dantas e Linhares (2014), essa concepção promove a horizontalidade na relação educador-educando e a valorização das culturas locais, da oralidade, contrapondo-se em seu caráter humanístico, à visão elitista de educação. Ou seja, as vivências de todos/as os/as envolvidos/as no círculo são elemento base para a formação. Além disso, todos/as são protagonistas do processo.

O círculo de cultura propõe uma práxis revolucionária, inteiramente comprometida com processos de emancipação humana, que faz com que o conteúdo da aprendizagem esteja ao serviço da ação. Esse processo favorece, também, processos de conscientização, que, de acordo com Freitas (2019):

A conscientização é “o teste do ambiente, da realidade”, constitui um “apoderar-se da realidade”. Essa conscientização constitui um compromisso social e histórico do homem com a sua própria realidade, ou seja, ninguém é mais responsável por superar o contexto vivido mais do que ele mesmo. Ainda para o autor, a conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência [...]. Significa que, com a apropriação de uma consciência crítica, criamos também uma forma crítica de abordar o mundo (FREIRE 1979, p.15 apud FREITAS, 2019, p. 30).

O compromisso social e histórico do homem e da mulher para com a realidade social em que estão inseridos/as, presente em processos de conscientização, também é central no círculo de cultura. A partir disso, o/a participante identifica problemas que antes não conseguia enxergar, o que era impossibilitado pela estrutura do capitalismo, que utiliza todos os subterfúgios para que pensemos que ele é a única saída e não existem possibilidades de transformação social.

Assim, para Freitas (2021), problematizar é fundamental para que seja desenvolvida consciência crítica e para que sujeitos se percebam como protagonistas dos rumos que o movimento histórico e dialético da sociedade irá tomar. Além disso, o diálogo, também central no círculo de cultura, subverte toda a estrutura de dominação e opressão a que os/as trabalhadores/as estiveram e estão submetidos historicamente. Nessa perspectiva, o diálogo, para Dantas e Linhares (2014):

Possibilita a ampliação da consciência crítica sobre a realidade ao trabalhar a horizontalidade, a igualdade em que todos procuram pensar e agir criticamente com suporte na linguagem comum, captada no próprio meio onde vai ser executada a ação pedagógica e que exprime um pensamento baseado em uma realidade concreta (DANTAS; LINHARES, 2014, p. 75).

Outro instrumento metodológico utilizado na presente pesquisa, diz respeito às si-

tuações-problema-desafios que, segundo Freitas (2021) permitem que se trabalhe de forma dialógica sobre os saberes e questões cotidianas, levantadas e escolhidas pelos próprios sujeitos da comunidade para o processo de formação/constituição. São um instrumento característico de contextos marcados pela educação popular, que possibilita a identificação de problemas que requerem intervenção.

Ocorre, também, no círculo de cultura, de acordo com Rios e Reis (2016), que, após a discussão-debate em sala de aula e escolha da dificuldade ou problema mais premente, haja uma reunião de todos os alfabetizandos e alfabetizandas argumentando o porquê da escolha realizada. A partir disso, tal problema torna-se base para os desdobramentos e discussões posteriores do círculo de cultura.

Nesse processo, o grupo aponta o motivo da escolha, para que possam ocorrer os desdobramentos necessários. Desse modo, para Freitas (2019), a situação-problema-desafio precede a escolha da palavra geradora, que é a mais recorrente do círculo de cultura e indica a situação que mais demanda ação. É a palavra que todos/as os/as integrantes do grupo apontam, buscando alternativas para a problemática apresentada.

Assim, como o círculo de cultura, a situação-problema-desafio também apresenta uma proposta revolucionária, pois tem compromisso direto com a ação, na medida em que conclama a saída de um estado de opressão, propondo alternativas para os problemas apresentados. Nessa perspectiva, para Freitas (2019):

É por meio dos instrumentos e procedimentos metodológicos, do círculo de cultura e situações-problemas-desafios, que nos comunicamos pedagogicamente em grupo, bem como, para desenvolvermos nosso processo de formação/constituição política, o qual é pautado no próprio universo do cotidiano vivido em comunidade. Essa perspectiva metodológica, nos dá suporte para lidar com as questões em grupo, e, assim, promover os processos de alfabetização/formação dos sujeitos. Porém, não se constitui em fórmulas prontas para aprendizagem ou conteúdo. Tudo é construído em coletivo na comunidade e para a comunidade (FREITAS, 2019, p. 37).

Ou seja, por meio dos procedimentos aqui citados, a comunidade tem acesso aos instrumentos necessários para superar os problemas vivenciados. Isso ocorre por meio da formação política, bem como da metodologia praxica de trabalho freireano e da metodologia da situação-problema-desafio.

### **Dialetizando o fenômeno educativo: a dimensão praxica e contraditória da educação**

Para que a prática seja efetivamente dialética, é necessário partir da realidade objetiva tal como se apresenta, independentemente dos ideais que nos norteiam; caminhar por ela no sentido de compreender como as pessoas se organizam, refletir teoricamente sobre o que foi captado concretamente, para, então, termos uma compreensão fidedigna de um objeto construído por múltiplas determinações, que partem da construção histórica de homens e mulheres, como pontua Marx (2003), na obra *Sagrada Família*:

A história não faz nada, não possui nenhuma imensa riqueza, não liberta nenhuma classe de lutas: quem faz tudo isso, quem possui e luta é o homem mesmo, o homem real, vivo; não é a história que utiliza o homem como meio para trabalhar

seus fins – como se tratasse de uma pessoa à parte – pois a história não é senão a atividade do homem que persegue seus objetivos (MARX, 2003, p. 111).

Dialeticamente, então, a realidade é uma constante, como afirma Reis (2011), um “em sendo”. Ou seja, ela é construída historicamente. Como assevera Pires (1997), ela requer construção material (trabalho social) e histórica (organização social do trabalho). O trabalho então é um princípio educativo desse modelo de compreensão, onde se educa pelo trabalho, e não para o trabalho, expresso na práxis. Dessa forma, é necessário estabelecermos quais categorias são essenciais à análise: totalidade, mediação, contradição e historicidade, pois estão presentes na presente pesquisa em sua dimensão teórico-metodológica.

Assim, é importante considerarmos a totalidade enquanto a categoria que está presente nos processos educativos regidos pela educação popular, na busca pelo alcance da transformação social. Ela, então, implica a “[...] concepção da realidade enquanto um todo em processo dinâmico de estruturação e de autocriação” (KUENZER, 1998, p. 65).

Assim, os “[...] fatos podem ser racionalmente compreendidos a partir do lugar que ocupam na totalidade do próprio real e das relações que estabelecem com os outros fatos e com o todo” (KUENZER, 1998, p. 64). Considerar o todo, portanto, faz parte da dinâmica de autocriação dos indivíduos, que se inscreve na capacidade que temos de nos autodeterminarmos. No entanto, para que tal autodeterminação ocorra, são necessárias práticas educativas emancipadoras. Sem elas, o *status quo* continuará se reproduzindo, em seu contexto alienante.

As definições de ordem teórico-metodológica dos processos constituídos a partir do campo da educação popular necessitam estar articulados com as exigências da práxis, enquanto a dialética que rege a relação entre teoria e prática. Desse modo, as práticas educativas em contextos populares apresentam situações que, por sua própria condição de existência, requerem intervenção, ações concretas de enfrentamento, em razão dos processos de luta e da essencialidade de uma ação transformadora, na práxis. Assim, é necessário que também se tenha claro que concepção de educação rege a prática educativa, bem como o projeto político, uma vez que ambos necessitam estar articulados. Como já mencionado, uma compreensão práxica do processo é essencial, tendo em vista que:

A integração teoria e prática a partir de rumos definidos é um ato de criticidade nos dois sentidos: a prática aferindo conceitos, atualizando categorias, ajudando a construção de um paradigma científico que perpassa a intencionalidade, e a teoria orientando, corrigindo e, evidentemente, permitindo à prática ganhar em eficiência (FALKEMBACK, 1987, p. 2).

Desse modo, se trata de uma relação dialética na maneira de conceber o conhecimento em relação ao objeto estudado. Ademais, o grande objetivo necessita ser o da transformação social e isso precisa se manifestar sobre os níveis de consciência, na busca da superação dos valores do capital em prol dos valores do trabalho.

Para tanto, Falkemback (1987) pontua que se faz necessário um corpo de conceitos e proposições que permitam a investigação da realidade em uma perspectiva materialista

e histórica, bem como uma análise dialética. Essa perspectiva, para Rêses, Castro e Barbosa (2018):

Busca também expressar e fazer emergir ações políticas que colocam outras possibilidades para a espécie humana, outra possibilidade de construção psicofísica para os produtores das riquezas, que tem na ética o princípio básico de uma nova cultura, sendo a justiça seu ponto de partida (RÊSES; CASTRO; BARBOSA, 2018, p. 100).

Também compartilha essa perspectiva, Ciavatta (2005, p. 2 apud RÊSES; CASTRO; BARBOSA, 2018, p. 99), quando assinala que buscamos enfocar o trabalho como princípio educativo, no sentido de superar a dicotomia entre trabalho manual/trabalho intelectual, de incorporar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo, de formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos. Ou seja, é necessário ter claro que existe um modo de produção hegemônico em relação aos interesses da classe trabalhadora, que foi historicamente determinado, o que requer compreensão das contradições apresentadas pela influência que a vida material possui sobre a realidade social.

A educação, em específico, a educação popular, está intrínseca na formação humana na medida em que se tornou um referencial importantíssimo não para sugerir modelos, mas para colaborar na busca de caminhos educativos e para o desenvolvimento de categorias essenciais para acessar os saberes produzidos e reproduzidos por mulheres e homens.

O ganho de espaço da educação popular, seja na academia ou fora dela, faz parte do movimento de renovação pedagógica do qual fazemos parte, em um contexto em que o diálogo aberto com os sujeitos do processo é crucial. Não obstante, tudo isso é inerente ao viver humano e garantir aprendizagens humanas, como frisa Arroyo (2003), é a finalidade primeira da educação básica universal; e colocar o conteúdo ensinado a serviço dessas aprendizagens é nosso ofício, do educador e da educadora.

Aqui, o compromisso com a dimensão histórico-social do conhecimento é essencial para que contemplemos o conjunto da visão social de mundo dos educandos e educandas, que está em constante transformação. De acordo com Konder (2008), o materialismo histórico e dialético representa uma possibilidade teórica de interpretação da realidade social que é essencialmente contraditória e está em permanente transformação. A contradição, nesse sentido, é uma categoria que faz parte de um raciocínio dialético, que foi pensado e reinterpretado por Marx a partir de Hegel, bem como de outros pensadores que marcaram a história como Copérnico, ao afirmar que uma coisa é e não é ao mesmo tempo.

Nesse sentido, Pires (1997) adverte que Marx deu o caráter material (os homens se organizam na sociedade para a produção e a reprodução da vida) e o caráter histórico (como eles vêm se organizando através de sua história). No entanto, é premente pontuar que “não é a predominância dos motivos econômicos na explicação da história que distingue decisivamente o marxismo da ciência burguesa: é o ponto de vista da totalidade” (LUKÁCS, 1974, p. 64). Ou seja, não se parte somente do modo de produção vigente ou do modelo de sociedade instituído, mas de ambos, bem como de outros diversos fatores que, juntos, constituem a totalidade.

### **As contribuições e nuances da pesquisa-ação na Comunidade Viva Deus**

A pesquisa-ação realizada pelo GEPEEP na Comunidade Viva Deus se insere na perspectiva de contribuir para a alfabetização, emancipação humana e autonomia desses sujeitos, em função do enfrentamento da comunidade ao sistema capitalista opressor, representado pela empresa Suzano Papel Celulose, como já mencionado. As ações da empresa estão voltadas para a tomada de terras por meio da violência física, verbal ou simbólica, e é a principal situação-problema-desafio da comunidade, pois dificulta a legitimidade da terra e a efetivação do Projeto de Assentamento (PA) pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Por meio da pesquisa-ação e do formato metodológico utilizado, as cadeiras sempre são organizadas em forma circular; e assim acontecem as reuniões, assembleias, alfabetizações, festas, formações políticas, místicas e encontros comunitários, nos quais, geralmente, os sujeitos apresentam os principais problemas que enfrentam. Nesse cenário, os sujeitos escolhem uma palavra geradora, que é a mais recorrente nas falas, e será base para criação de algumas estratégias de enfrentamento e superação das situações-problemas-desafios apresentadas.

Por conseguinte, entrevemos, segundo Thiollent (2009, p. 18), que “com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”. Em vista disso, pelo fato de estarem inseridos no grupo e pensando coletivamente estratégias para mudanças, os pesquisadores não são mais meros observadores; são sujeitos que modificam e interferem na realidade por assumirem também uma voz de interlocutor e mediador nas relações e ações coletivas. Ao transformar, também somos transformados.

O círculo de cultura, por exemplo, encontra-se intimamente articulado à pesquisa-ação realizada na comunidade; e é por meio dessa alternativa metodológica que os sujeitos apresentam seus problemas, necessidades, conflitos, angústias, experiências e práticas de vida, no intento de buscar soluções coletivas que os resolvam. Nessa compreensão, proporcionando aos sujeitos da comunidade reuniões e encontros coletivos, sejam eles para processos educativos ou formação política, incentiva-se o diálogo, troca de experiências e objetivos comuns de superação das situações-problemas-desafios.

Desse modo, o planejamento de uma pesquisa-ação é muito flexível, não segue uma série de fases rigidamente ordenadas. Há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada (THIOLLENT, 2009, p. 51).

A dinâmica de pesquisa-ação presente na Comunidade Viva Deus é um processo flexível. Um exemplo disso é que quando chegamos à associação para realizar as atividades de formação política antes planejadas com base na palavra geradora escolhida para o mês, deparamo-nos com algum problema que a comunidade estava enfrentando e precisava

ser solucionado urgentemente; adiou-se, portanto, a dinâmica anterior proposta, tendo em vista que a pesquisa-ação requer engajamento e superação das problemáticas encontradas.

Assim sendo, necessitamos reunirmos para discutir o problema vivenciado, e buscarmos ações rápidas para conter ou resolver a situação-problema-desafio; após a sua superação, foi necessário reformular ações e estratégias para que o grupo retornasse à organização anterior, retomando a caminhada.

Com base nos pressupostos da pesquisa qualitativa, torna-se necessário entendermos que o sujeito não será tratado como um número ou um instrumento para a obtenção de dados. É compreendido como sujeito constituído por ações, sentimentos, racionalidade e relações sociais subjetivas e objetivas, as quais precisam ser descritas e analisadas, tendo em vista que

[...] a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos (MINAYO, 2002, p. 17).

Desse modo, a construção dessa realidade pautada na relação dos sujeitos da Comunidade Viva Deus com o mundo, faz parte de um processo de ação e reflexão sobre a realidade concreta que vivenciam e é condicionada pelo sistema opressor capitalista. Ela caracteriza-se como enfrentamento à sua própria realidade e transformação dos problemas que afligem a comunidade, de modo que percebem a extensão universitária (GEPEEP) como colaboradora, não só em processos de pesquisa e investigação, porém, como um grupo pautado em interesses e objetivos em comuns.

Consequentemente nessas relações entre universidade e comunidade, sob a égide da pesquisa-ação, realizaram-se observações, diálogos e entrevistas, por meio de escuta de histórias e memórias de vida, particulares ou vivências coletivas adquiridas ao longo de dezessete anos de luta. Fazer pesquisa-ação, no contexto da extensão universitária, inserir-nos dentro da realidade da Comunidade Viva Deus, vivenciando e participando das ações e das relações sociais construídas por sujeitos que acolhem os pesquisadores e se sentem à vontade para falar de suas vidas e aceitá-los em suas práticas de vida cotidianas. Nesse momento, as relações sociais se constituem a partir do contato entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, em um processo de partilha e aprendizagem mútua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, é possível depreender que as estratégias de luta e resistência refletidas co-

letivamente nos círculos de cultura por meio da pesquisa-ação, foram cruciais para que a comunidade se apropriasse de seus espaços, de seu direito à palavra, bem como para que continuasse resistindo no território, pois a permanência é dificultada pela falta de condições materiais básicas e dignas de sobrevivência. Colaborar para tais processos foi possível pela pesquisa-ação; esta imersão permitiu conhecer a comunidade, bem como intervir na realidade vivenciada.

A presença dessa compreensão na universidade, historicamente marcada por modelos positivistas de fazer pesquisa, contribui para a construção de caminhos e alternativas que colaboram para os processos de transformação social. Por essa razão, buscamos apresentar esse processo de construção de tais alternativas, com a colaboração da pesquisa-ação na perspectiva da educação popular, para a emancipação humana dos sujeitos da Comunidade Viva Deus.

A realização do Projeto Escola Comunidade Viva Deus, desenvolvido desde 2015 até o presente, constitui-se por meio da alfabetização de jovens adultos e idosos, de formação política e realização de místicas. Realizam-se encontros duas vezes por semana, com a intenção de colaborar para os processos da comunidade, na árdua tarefa de enfrentamento ao capitalismo e suas opressões. Além disso, o foco central é a construção de consciência e autonomia, visando-se maior facilidade nas resoluções de situações-problemas-desafios coletivos.

A comunidade tem força para lutar, mas isso não exclui o medo, que se faz presente. Medo de serem ameaçados, mortos, atacados ou criminalizados pela empresa, tendo em vista que, conforme Freitas (2021), o estado do Maranhão é um dos que possui maior número de mortes por conflitos de terra em suas estatísticas. Conforme o último relatório da Comissão Pastoral da Terra, nunca tivemos tantas mortes no campo desde 1985, em decorrência da violência do capital. No entanto, o medo não paralisa as lutas. Elas continuam.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari, K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria J. Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo M. Baptista. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, jan./abr. 2006.

DANTAS, Vera Lúcia; LINHARES, Ângela Maria Bessa. Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **II Caderno de Educação Popular em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. p. 73-80.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

DEMO, Pedro. **Questões para a teleducação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e Educação**, Ijuí – RS, n. 7, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREITAS, Jullyana Cristhina Almeida de. **O caminho se faz caminhando: A constituição de uma consciência humana na educação popular da Comunidade Viva Deus**. 2019. 73 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2019.

FREITAS, Jullyana Cristhina Almeida de. **Plantando na esperança de sair a terra: Experiências de luta em Educação Popular e Emancipação Humana na Comunidade Viva Deus**. 2021. 158 f. Dissertação (Mestrado em Formação Docente em Práticas Educativas) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2019.

GATTI, Bernadete.; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (org.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 29-38.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** 6. reimpr. 28. ed. de 1981. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos, 23).

KOSOKAWA, Wagner; PINI, Francisca Rodrigues; LOUREIRO, Geovana; SANTOS, Eloisa Gabriel dos; ABREU, Janaina M. Educação popular como práxis político educativa: um projeto em disputa. **Revista Unifreire**, São Paulo, ano 8, v. 8, ed. esp. I. Centenário Paulo Freire, 2020.

KUENZER, Acácia Zeneida. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

LUCAKS, Gyorgy. **História e consciência de classe**. Porto: Escorpião, 1974 [edição brasileira: São Paulo: Martins Fontes, 2003].

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARX, Karl. **A sagrada família**. São Paulo: Boitempo, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. (Entre)linhas de uma pesquisa: o diário de campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador – BA, v. 2, n. 4, 2014.

PINTO, J. B. G. **Metodologia, teoria do conhecimento e pesquisa-ação: textos selecionados e apresentados**. Belém: UFPA/Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

PIRES, Marília Freitas Campos. O materialismo histórico-dialético e a educação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu – SP, v. 1, n. 1, p. 83–9, 1997.

REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

RÊSES, Erlando da Silva; CASTRO, Mad´Ana Desirée Ribeiro; BARBOSA, Sebastião Cláudio. Contribuição do materialismo histórico e dialético para o estudo da EJA. In: RODRIGUES, Maria Emília de Castro; MACHADO, Maria Margarida (org.). **Educação de jovens e adultos trabalhadores: produção de conhecimentos em rede**. Curitiba: Appris, 2018.

RIOS, Guilherme Veiga; REIS, Renato Hilário dos. Alfabetização de adultos, como linguagem-desenvolvimento do ser-humano. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 16, n. 2, p. 205-217, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Saraiva, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Repensando os fundamentos da pesquisa-ação**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PoEynzBggMY&t=1s>. Acesso em: 15 dez. 2020.

VYGOTSK, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZANETTE, M. S. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 65, p. 149-166, jul./set. 2017.